

O CONCEITO DA CRISE

O homem é a consciência da crise (*crisis*), pois ~~a~~ somos quando nos erguemos da animalidade, quando em nós ela se torna consciência. A própria consciência é condicionada ~~por~~ *ela*, pois, para afirmar-se, precisa separar, para marcar a nitidez do que é, ~~e~~ do objecto sobre o qual ~~ela~~ realiza o pleno exercício de si mesma. Ela precisa separar, ela precisa realizar a *crisis*.

Quando meditamos sobre ~~ela~~, um longo caminho se abre aos nossos olhos, desafia a nossa argúcia, apela à nossa inteligência, porque há problemas por solucionar, perguntas por responder, dúvidas que não podemos tolerar mais.

Quando se deseja precisar com nitidez o ~~seu~~ conceito, para colocá-lo nos diversos planos e esferas que nos permitam uma análise decidualética, para empreendermos uma busca nos diversos sectores, por entre planos, esferas e campos, aquele conceito desafia a nossa argúcia. E' preciso enfrentá-lo.

Que nos diz, que nos aponta esta palavra? De início, uma acção de separar. *Em* qualquer esfera *que* nossas investigações se processem, lá encontramos a acção de separar. Na esfera físico-química (dos corpos chamados brutos), na esfera biológica (dos corpos chamados vivos), na esfera psicológica (lá onde lampeja um psiquismo e brilha um pensamento), na esfera histórico-social (onde há a presença do nosso semelhante), em toda a parte a separação se instala. Mas, não só a separação; pois, como se poderia afirmar a separação sem al-

guma presença unitiva? Como surgiria a acção de separar se não existisse o que une?

A idéia de *crisis*, para os gregos, é a acção que realiza o acto de separar, de escolher, *krisô*. Se seguirmos as providências da decialéctica para examinar este tema, que tanto afflige o homem moderno, devemos iniciar por esclarecer o conceito, colocando-o em seus planos. *directos*

Na *crisis*, há uma separação, e separar é abrir distância entre pares; ela *se-para*. Mas a distância exige um *entre* os separados.

E quando, no mundo corpóreo, separamos os seres, nós os distanciamos. E a distância (mostra-nos a experiência) pode ser aumentada, e é *ela* gradativa, pois pode ser maior ou menor, afastar-se mais ou menos. Portanto, no conceito de *crisis*, temos sempre um "afastar" das coisas, um acto de "distanciá-las" umas das outras.

Mas também realizamos separações além do mundo físico, realizamos separações mentais. Se quiséssemos separar o verde das penas daquele pássaro, não o poderíamos realizar fisicamente. Mas podemos pensar nêle, e ter a imagem daquele verde aveludado. E mesmo que os olhos *vejam* tantas coisas, uma imagem do verde, sem representação, surge em nós, vendo-a sem a ver.

Nossa imaginação, essa capacidade de ordenar imagens, pode reunir seqüências de situações vividas pela rememoração, ou de cenas que não vivemos na sua ordem, mas que são sempre compostas das pequenas experiências de que está cheia a nossa vida.

Chama-se abstracção, o acto de separar, no espírito, o que não é separável no mundo físico. E' ainda *crisis*.

E assim como podemos memorizar o verde daquele pássaro, podemos, numa imagem sem representação, pensar sobre o verde. Não este nem aquê, mas o verde, a forma verde, a forma que separamos de todos os verdes conhecidos, mas que

está também nos verdes que os olhos já viram: a formalidade do verde, o conceito do verde. Ainda *crisis*.

Se, entre as coisas que separamos fisicamente, estabelecemos distâncias maiores *entre elas*, também estatuímos distâncias em tudo quanto pensamos separadamente.

Há uma distância *entre a* separação física, como há uma distância nas separações mentais. Mas, enquanto as primeiras se dão no tempo e no espaço, e podemos medi-las, as mentais não se dão no espaço, dão-se em nós, além do espaço, e vencendo até o tempo, porque podemos revertê-las do passado para o presente, colocá-las independentemente da ordem cronológica, vivendo-as num instante que torna presente o pretérito, sem distâncias espaciais, tópicas, porque, no mundo das idéias, estas estão implícitas em outras ou de outras afastadas, sem que estejam aqui ou ali.

E uma idéia, que está implicada em outra, podemos ainda separá-la mentalmente, examiná-la, descrevê-la, sem nenhuma separação espacial.

E assim funciona o nosso espírito, realizando tais separações, tão diversas das separações do mundo físico. E ainda é *crisis*.

E essa *crisis* realiza a crítica, a análise das idéias, pela separação de umas das outras.

Aquêlo relojoeiro tem nas mãos um mecanismo prodigioso, que é sempre um encanto para os olhos e para a inteligência. Ele o abre, com o domínio dos dedos, serenamente, e vai separando peça por peça. Ei-lo agora decomposto em suas partes. Tudo é inerte sobre o pano de côr verde-claro. No entanto, ainda há pouco, tudo aquilo estava junto, e movia-se num simulacro de vida. E acompanhava o tempo, e o indicava. Moviam-se aquelas peças, pondo em movimento outras. A maravilha, que encantava os olhos e a inteligência, parece morta agora.

AS E se dali nos afastássemos, certamente levaríamos em nós uma insatisfação. E' que aquelas peças, agora separadas, parecem protestar dentro de nós, solicitando o retôrno à unidade, que antes formavam. Há em tudo isso um sabor de profanação. E, em nós, há um apêlo a essa ordem que antes dominava, ordem potencial em cada uma daquelas peças, que a mão sábia do relojoeiro poderá novamente reunir.

Essa insatisfação acompanha a *crisis*.

O espírito humano dissocia, separa, afasta, distancia, e sente-se insatisfeito. A insatisfação cresce, aumenta, avassalha, à proporção que abrimos e alargamos as distâncias.

Por isso, vivendo n *crisis*, somos e estamos insatisfeitos.

Se separamos as coisas fisicamente umas das outras, alargando as distâncias, sentimos que entre elas se estabelece um *entre*, que aumenta à proporção que as distanciamos. Mas que é esse *entre*?

Dizemos que se intercala em uma coisa distanciada de outra um espaço. Um espaço que aumenta ou diminui. Mas o espaço, em si mesmo, não aumenta nem diminui. O que aumenta e diminui é a distância no espaço.

mas Não é essa distância um nada. E' um ser relacional, que se forma pela referência dos dois termos separados. E há uma distância entre todos os corpos, porque todos se separam. As unidades formadas distanciam-se mais ou menos umas das outras. E essa distância não é "nada", porque é alguma coisa, e porque é alguma coisa tem um ser, e é um ser. Mas também são seres os termos que se distanciam. E o que há entre eles? Uma distância que aumenta ou diminui. Mas o espaço compreendido, é apenas um vazio? Se despojássemos o mundo de todas as coisas corpóreas, restaria apenas um grande vazio?

PH Pode a nossa razão, em sua acção despojadora, e que é ainda *crisis*, distanciar as coisas umas das outras, a ponto de parecer que entre elas se intercala um nada.

Mas o nada é impossível. O nada *não pode*, porque o nada não é ser. E se o nada é nada, como marcar limites?

Examinemos bem este ponto. Quando vemos as coisas do nosso mundo exterior, notamos que elas marcam fronteiras mais ou menos nítidas, umas em relação às outras. Esta mesa, onde escrevo, é uma unidade criada pela mão humana, um artefacto, um objecto do mundo da cultura. A madeira, que é da natureza, tomou uma forma que lhe deram a inteligência e a acção humanas. E' um todo feito pela arte, pela técnica, que é sempre assistida pela inteligência, e que dá um fim, um outro fim às coisas da natureza. Um ser é da natureza onde surge, mas o homem dá-lhe uma figura, dá-lhe uma proporcionalidade intrínseca e extrínseca, destinando-o a um outro fim, extrínseco aos fins da natureza, e constrói, com a marca do seu espírito e da sua habilidade, um ser da cultura. Ele aqui está distante de mim. E marca sempre uma distância, embora minhas mãos o toquem e meus olhos o vejam. *Ele* E' ele um todo que de mim se separa. E separa-se daquela cadeira e separa-se das paredes desta sala.

Meus olhos pousam agora sobre uma árvore que emerge do solo. Ela também se separa de mim, e se separa daquele céu azul, separa-se da terra onde imergiram suas raízes. Nítidamente, vejo o seu tronco erecto, distanciado de todas as outras coisas.

Mas vejo, quando me ponho a meditar, que a separação entre mim e aquela árvore, e entre ela e a terra e o ar, apresenta uma nitidez diferente. E' que se penetrar em suas raízes, já não saberei onde termina a árvore e começa a não-árvore, porque, pergunto: é aquela árvore algo que se distancia tanto daquela terra úmida que cobre as suas raízes? Onde está o seu limite e o da atmosfera que a circunda?

Desde logo sinto que há distâncias e distâncias. E preciso distanciar uma das outras para poder estudá-las, analisá-las. Tudo isso é ainda *crisis*.

Os seres se delimitam uns ante os outros. Mas esse limite é o que os separa. Mas o limite desta mesa é o limite dela, e o limite também do que não é ela. E a distância entre a mesa e a não-mesa, pergunto, como é? E como é essa distância entre a árvore e a não-árvore? Que se intercala entre elas?

Ou um ser ou um nada. De qualquer forma, a não-árvore. Se é nada, há um vácuo entre ela e o que não é ela. Se é ser, deve ter um limite, e a minha pergunta nunca mais terá fim.

Portanto, eis que me assalta agora um problema que preciso enfrentar. Ao estabelecer, pela *crisis*, a crítica da *crisis*, descobri o limite, e este, que se marca na distância do que é e do que não é, desafia-me agora, porque, se o afirmo como ser, ele me pede um limite e, este, um ser, e, este, um limite, e não terei fim nesse perguntar.

Mas, se eu colocar diferentemente a pergunta, talvez encontre outras soluções, e talvez novas perguntas. De que é o limite? De que é, ou de que não é? E' da árvore ou da não-árvore? Se é da árvore, é constitutivo dela. Se não é dela, é da não-árvore, e será constitutivo desta. De qualquer forma, ele se coloca como sendo de um dos termos que se separam. De per si o limite não é; pois o é dêste ou daquele ser.

Se examino esta mesa, vejo-a com limites nítidos que a separam das outras coisas. Mas compreendo, ademais, que o limite desta mesa é também o de tudo quanto não é esta mesa. Assim, marca ele a fronteira da mesa, o até onde ela é ela, e o até onde o que não é esta mesa é não-ela. Dessa forma, o limite, que pertence a um, pertence também ao outro. Portanto, o da mesa é da mesa e também não é dela, porque é de tudo o mais que não é a mesa.

Estou em face de uma contradição? Afrontarei assim as regras da Ontologia (ciência do ser) e da Lógica? Vejamos se realmente ~~tal~~ se dá.

O LIMITE

Poder-se-ia dizer que o dimensional tem limites, e é dimensional tudo quanto é *dimensionivo*, de *mensura*, tudo quanto é medível extensivamente. Encontramos em Avicena uma definição: "O limite é o *pelo que* a coisa quantitativa atinge o lugar que ela não pode ultrapassar".

Todo o ente, no nosso mundo tempo-espacial, é delimitado por si e pelos outros, que não são ele. E' o que delimita uma coisa de outra, o que separa uma coisa de outra, o que separa esta coisa de outra-coisa. Por isso, o limite não é apenas o não ser da outra coisa, que é outra de a que é limitada, mas é limite de uma e de outra. Desta forma, ambas participam, no limite, de algo que lhes é comum. Assim, portanto, o que separa as coisas é tanto de uma como de outra. E como o limite não é um ser em si, mas um ser em outro, as coisas que se limitam, têm, nêle, um ponto em que se encontram, porque ele é de uma ante a outra; da primeira ante a segunda, como da segunda ante a primeira. No limite, começa o não-ser de uma coisa. Mas também aí, onde começa o não-ser, é o termo do ser de outra. E, desta forma, o limite é do ser de uma coisa e também é o começo do seu não-ser.

Portanto, o conceito de limite é um conceito dialético, pois afirma e nega, pois afirma um ser e nega-o, afirmando o outro, que não é ele. Mas não há, propriamente, contradição formal, porque o limite de uma coisa é o ponto que indica onde ela termina. E poderia ela terminar senão ali onde ela, mais adiante, não seria ela? Neste caso, o limite separa a coisa do que é ela, sem que afirme que a coisa é o que não é ela, mas apenas aponta o que dela se separa. Portanto, o limite é, ainda, *crisis* (1).

Mas o limite realiza uma mediação, pois ele se intercala entre o que é alguma coisa, aqui e agora, e o que não é esse alguma coisa. O limite estabelece, assim, uma diferença ime-

(1) Mais adiante examinaremos noolologicamente (na esfera do espírito) o conceito de limite.